

12 OUT 1994

JORNAL DO BRASIL

POLÍTICA E GOVERNO

"Nossa negociação não passa por cargos, mas por um projeto maior para a capital"

Maria de Lourdes Abadia



"Já estou retomando o trabalho para afastar o ex-governador Orestes Quérica do PMDB"

Senador eleito Roberto Requião

Abadia quer PT com tucanos no 2º turno

■ Contrariando pedido de neutralidade feito por Cardoso, candidata do PSDB no DF votará em Cristóvam. Mas exige recíproca

BRASÍLIA — "Não sou tucana de ficar em cima do muro. Meu voto é de Cristóvam Buarque (PT), que representa a mudança", anunciou ontem a candidata derrotada ao governo do Distrito Federal Maria de Lourdes Abadia (PSDB). "A Executiva do PSDB não me conhece. Neutralidade é covardia e não consta do meu dicionário", disse ela, referindo-se à conversa que teve com o presidente do partido, Pimenta da Veiga, e com o virtual presidente eleito Fernando Henrique Cardoso, na última sexta-feira, quando Pimenta lhe pediu para ficar neutra na disputa do segundo turno em Brasília.

Mas para subir ao palanque do PT e se engajar na campanha, Abadia impôs condições que envolvem o segundo turno de vários estados. "Vai depender do apoio do PT a Mário Covas em São Paulo, Eduardo Azeredo em Minas Gerais, e um programa para dar governabilidade a Brasília",



Maria Abadia: "Neutralidade é covardia e não consta do meu dicionário"

Brasília — Luiz Antonio

condicionou Abadia. Ela telefonou a Cristóvam para informar sobre sua posição. A executiva do PSDB se reuniu, na noite de ontem, para decidir o apoio ao PT. "Nossa negociação não passa por cargo, mas por um projeto maior para a capital", explicou. Os candidatos derrotados ao Senado, Sigmaringa Seixas, e à Câmara, Geraldo Campos, já decidiram subir no palanque do PT.

Cardoso — Ainda no encontro com Fernando Henrique, Abadia defendeu que ele não ajude aliados de outros partidos nos estados: "Ele deve tratar do seu programa de governo, e só de levar uma mãozinha para Covas e Azeredo", defendeu. Segundo ela, Fernando Henrique ficou calado. Abadia mostrou-se mobilizada, apesar da derrota: "Se vai haver segundo turno e empate técnico, foi graças a mim. Não darei essa bandeira a ninguém", disse.

Ela aproveitou para lançar sua candidatura em 98 ao governo do

Distrito Federal: "Tive mais votos que o Maracanã lotado (155 mil — terceiro lugar)". E deixou claro: "Não me confundam com Roriz de saia, ou farinha do mesmo saco. Meu caminho político é diferente de Valmir". Atribui sua derrota à luta contra a "militância aguerrida do PT, o poder econômico de Valmir, e à máquina de Roriz".

Abadia telefonou, ainda, ao presidente Itamar Franco, parabenizando-o pela forma como conduziu o processo eleitoral, "ao contrário do governador Joaquim Roriz, que virou cabo eleitoral de Valmir Campello (PTB). Roriz deveria se espelhar no presidente", afirmou. Roriz, segundo ela, foi o grande derrotado da eleição, porque prometeu vencer no primeiro turno e "cantou vitória antes do tempo". A soma oficial dos votos de todos os candidatos contra Valmir Campello ultrapassou a mais de 150 mil. "Fui decisiva na vitória contra Roriz", garantiu Maria de Lourdes Abadia.

Até o PPR deve apoiar petista

O PPR poderá apoiar o candidato Cristóvam Buarque, do PT, para governador do Distrito Federal, no segundo turno. O candidato a vice da coligação derrotada (PSDB-PPR), Wanderlei Wallin, ex-vice-governador de Joaquim Roriz por oito meses, não apareceu na entrevista coletiva de Maria de Lourdes Abadia ontem e viajou sem dizer a quem apoiará. Mas assessores informaram que Wallin admite conversar sobre seu apoio ao PT e que durante a campanha "se afeiçoou muito à companheira de chapa". Para Abadia, a coligação Mão Dadas acabou, embora não descarte a possibilidade de apoio de Wallin a Cristóvam. No PPR informa-se que a discussão será levada a uma reunião da Executiva Nacional, cuja data será definida hoje.